

**A Construção de um novo cenário:
o surgimento e a alteração dos espaços de lazer nas cidades do café.**

**Veruschka de Sales Azevedo
(Doutoranda PUC/SP)**

Fruto do processo de modernização que se passou nas cidades do café, o centro das cidades era o referencial de um progresso que não chegou a todos e que excluía, tendo na imprensa um forte aliado para essa ação.

Em contraponto à modernidade que era vista no centro da cidade, os periódicos de fins do século XIX freqüentemente estampavam preocupação com a crescente mendicância no centro, o que demonstra o lado bárbaro e excludente da “belle époque,” pois, neste momento, tanto os mendigos quanto os pobres eram a imagem a ser abolida pelos ricos. Tudo aquilo que estes mais rejeitavam, os costumes nada higiênicos e os hábitos daqueles, eram prontamente identificados com o mal e as doenças, o que justifica, nesse período, mendigos e ambulantes serem constantemente perseguidos.¹

Numa coluna intitulada "vagabundos", do jornal "Tribuna da Franca", podemos notar a repressão aos esmoleres e pedintes do centro da cidade. Com a finalidade de acabar com essa prática, foi aberta uma campanha contra aqueles indivíduos, por iniciativa do promotor público da comarca:

"... Em vista de muitos desacatos à propriedade particular e contínuas desordens que se tem dado ultimamente nesta cidade, promovidas pela grande quantidade de desocupados que aqui existe, resolveu o Sr. Dr. Promotor Público da Comarca abrir essa campanha contra os mesmos, punindo-os de acordo com as penas estatuídas no Código Penal.

¹ SEVCENKO, Nicolau: *Literatura como Missão* : Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira Republica. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985: "... Desencadeia-se simultaneamente pela imprensa uma campanha que se prolonga por todo esse período, de caça os mendigos visando a eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade ..." .p.34.

Louvando o procedimento do digno funcionário, desejamos que a sua resolução não seja para inglês ver...".²

A descrição demonstra a tentativa da elite da cidade de ordenar seu meio urbano, instituir formas de seu controle e assegurar tranqüilidade aos moradores do centro. Nesta perspectiva, o discurso da higiene e do embelezamento, misturam-se para, juntos, e por meio da ação da elite dirigente, atuarem contra os pobres da cidade.

Durante o surgimento e propagação da ideologia da higiene, surge o conceito de "classe perigosa". Tal termo traduzia a justificativa para vários atos de exclusão social pelos quais passou a parcela da sociedade pobre durante o período das reformas urbanas. Segundo Shalloub:

“As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres estivessem expostas aos vícios de seus pais ...”³.

Segundo o autor, a estratégia para repressão da ociosidade consistiria em abolir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos e cuidar da educação dos menores. Por outro lado, os pobres passaram a representar perigo de contágio, no sentido literal mesmo. Em 1924 foi construída uma vila para *morphéticos*, iniciativa da associação Conferência S. Vicente, a mesma que construiu a Santa Casa, composta por pessoas da elite. A análise dessa iniciativa ilustra bem o uso da ideologia da higiene para promover

² Cf. Tribuna da Franca, 03/09/1905. Coluna intitulada "Vagabundos". Fonte: Museu Histórico Municipal "José Chiachiri".

³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das letras.1996.p.29.

uma política autoritária e excludente, pois o *fim util* desta iniciativa *caridosa e higienica* estava em *segregar esses desgraçados seres do resto da sociedade*⁴.

Em Franca, como uma maneira de amenizar o problema da pobreza, as senhoras da elite organizavam constantemente diversas campanhas de angariação de donativos e roupas. Os Cine- teatros eram os lugares preferidos para tais eventos, como a campanha realizada no dia 28 de maio de 1911, no Bijou Theatre, pelas senhoras da elite francana, e com a qual, segundo os jornais, *as nossas patrícias alcançaram um magnífico triunfo*.

Evidenciamos que eventos como os citados acima, bem como debates acerca da construção ou não de albergues para abrigar os mendigos, levam-nos a perceber tentativas de disciplinar a pobreza, além de trazer para as famílias ricas a distinção e o prestígio a seus empreendimentos políticos. A medida tinha o objetivo de confinar os pobres e esmoleres a lugares distantes do olhar da elite e ao mesmo tempo sobre o controlá- los.

As companhias de cinema formavam um importante referencial dessa prática beneficente que, em inúmeras apresentações, destinava os espetáculos à Santa Casa de Misericórdia da cidade, ou aos abrigos de mendigos. Até porque, muitas dessas companhias pertenciam a membros da elite francana. Laudelino Gomes foi um dos comerciantes do lazer e fazia comércio de filmes com a cidade mineira de Araxá. No dia 19 de janeiro de 1908, ocorreu no teatro "Santa Clara" um variado espetáculo, reunindo artistas de diversas áreas, em benefício da Santa Casa de Misericórdia. Compareceu o grupo dramático francano, apresentando o drama "Greve dos operários", a sra Virginia Casale com a exibição de cobras amestradas, José Nicácio recitando poesias como "Douda de Albano", entre outras, as canções cantadas por João Barone e, finalizando a noite, as palavras do professor Sabino Loureiro, agradecendo a todos os artistas.

O controle do centro urbano versava de todas as maneiras. Em uma sessão da Câmara Municipal, de 21 de janeiro do ano de 1908, podemos ver a atuação do poder público municipal em fiscalizar o centro urbano, nesta noite, foi lido o parecer da comissão de redação dando redigidos os projetos números 76 e 77, o primeiro proibindo a venda ambulante de carne aos quilos, pelas ruas da cidade eo segundo alterando a lei

⁴ Cf. *O Aviso da Franca*. Coluna Cousas da Franca de 13 de janeiro de 1924.nº2.Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

sobre os carregadores da cidade. “... submetido a discussão e aprovadas unanimamente as respectivas redações.”

O espaço urbano, então, transformou-se num local ambivalente,⁵ um misto de civilização e barbárie. O despossuído participou com sua mão- de- obra para a edificação da ornamentação e do embelezamento do novo palco urbano e, tal como na *Família de Olhos* de Baudelaire, ou nas *Mariposas de Luxo*, de João do Rio, iriam contemplar e desejar para si aquele mundo fantasmagórico e transparente das vitrines. Tanto nas “Mariposas de Luxo,” como no poema “Família de Olhos,” os escritores, respectivamente, João do Rio e Baudelaire, descrevem o limite do progresso para os despossuídos e ao mesmo tempo marcam a participação a contrapelo destes excluídos que vislumbram os bens de consumo que estavam no interior de lojas e restaurantes. Os artefatos modernos como o vidro, tornavam-se a cortina transparente e ao mesmo tempo limitadora do progresso estampado, que impedia o usufruto, devido às condições financeiras daqueles observadores.

Trabalhando com aspectos da cultura urbana do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX, a historiadora Maria Conceição Araújo observou a mesma dinâmica, ou seja, mesmo a contrapelo, a participação do excluído se fazia presente até mesmo nos espaços culturais.

*“... Não só a elite, no entanto se mobilizava para ir ao teatro lírico. Além de sua participação nas claque populares se aglomeravam à porta do teatro para participar, mesmo de longe, do acontecimento: “ A plebe acotovelando-se sob o lençol do gás, espiando curiosamente, não só o salão do paraíso vedado, como os rostos mal escondidos das moças e os finos pés elegantes. As temporadas atraíam espectadores de todos os extratos sociais...”*⁶

⁵FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. As Máscaras da cidade. In *Revista USP*. Dossiê Cidades. São Paulo:Edusp.1990. p.06.

⁶ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocaçào do Prazer: A Cidade e a Família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco,1993.p.346.

Nesse momento, a reorganização do espaço urbano por parte da vereança privilegiou a elite em detrimento das “classes perigosas”. O sentido do olhar da elite foi hegemônico e buscou constantemente sua eficácia sobre a população de uma maneira geral.

Anterior a esse processo de remodelação urbana que se intensificou no início do século XX em Franca, o nascimento do Teatro "Santa Clara" constitui-se um exemplo. Vinha suprimir a necessidade de um espaço específico, destinado à apresentação de peças teatrais e festejos diversos, relativos ao cotidiano francano que se desenvolvia com impulso constante a partir dos anos 70. Porém, à idéia da construção de um teatro, corresponde à de amenizar os costumes “grosseiros” da sociedade em questão. Ou seja, o teatro seria a porta de entrada para os costumes novos, mais polidos e, dentro da visão da época, mais civilizados. Segundo Célia David,⁷ os anos 70 do oitocentos significam o justo momento da “virada” da mentalidade francana, aparelhada em função da incipiente economia cafeeira em desenvolvimento e à serviço da idealização de uma imagem condicionada pela valorização social, dentro de uma escala que se constituía pela hierarquia econômica.

Inaugura-se o culto ao dandismo em Franca. Os cronistas dos bailes descreviam as *toilettes*, empregando termos franceses: “ *Mle F. apareceu elegante no seu vestido bleu – marin, Mlle F.usou traje branco très chic, bleu ciel...*”⁸. O importante agora é ser “chic” ou “smart” conforme a procedência do tecido ou modelo.⁹

As vestimentas tiveram um papel de destaque nas crônicas de Affonso de Carvalho e há sempre a comparação dos hábitos franceses aos de Franca “...As francanas revelam hábitos iguais, disciplinadas no apuro do vestuário, no gênero

⁷DAVID, Célia M. *A Produção Musical em Franca* :(1872-1964).Tese de doutoramento apresentado a Escola de Comunicação e Arte da USP. São Paulo, 1994.

⁸CARVALHO, Affonso de. Franca: Esboço de História e Costumes .In *Almanaque Histórico de Franca*,1912.p.161,162.

⁹Sevcenko, verificando que as transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro foram também acompanhadas de uma mudança nos figurinos nos informa “... Também com relação à vestimenta verifica-se a passagem da tradicional sobre casaca e cartola, ambos pretos símbolos da austeridade da sociedade patriarcal e aristocrática do Império, para a moda leve e democrática do paletó de casemira e chapéu de palha...”p.31.In. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo. Ed. Brasiliense.

delicado das diversões, no pronunciado gosto pela arte e, especialmente pelo cultivo das flôres(...)adornada pelo mais novo penteado parisiense...”¹⁰

Afonso de Carvalho prossegue falando do cotidiano das senhoras francanas e de seu asseio com o lar, *onde o asseio dão, como nas habitações perfeitamente higiênicas, uma sensação grata de saúde, conforto e civilização.*¹¹ É importante registrar que as francanas, às quais se refere o cronista, pertencem à camada da elite. Sendo a maioria da população desprovida dos mínimos recursos para a sobrevivência, quem dirá para adornos e vestuários, tais quesitos ficariam como parte e usufruto exclusivo da elite.

A cidade entra na modernidade com os pés na tradição, sendo, por isso, necessário metamorfosear-se para projetar-se no cenário moderno.

O processo de modernização urbana vivido no início do século XX em Franca intensifica a vontade dos cidadãos, sobretudo da elite, de dar uma imagem moderna aos prédios do centro. Nesta perspectiva, o teatro "Santa Clara", o primeiro teatro da cidade, começou a ser foco das críticas enviadas aos jornais. A pretensão era de que se construísse um novo teatro, pois a arquitetura do antigo começava a não se adequar aos anseios de seus frequentadores.

A própria concepção do prédio do Teatro "Santa Clara" evidencia o impasse da cidade na apresentação de uma feição moderna. E, na primeira década do século XX, os jornais fizeram do edifício deste teatro tema recorrente da imprensa que, imbuída dos ideais do progresso e da ideologia da higiene, produziu inclusive duras críticas à Câmara Municipal, colocando em descrédito a eficiência administrativa:

“...Afiml, depois de insistentes reclamações da imprensa local sobre o estado de ruína em que se encontrava o nosso Theatro “Santa Clara”, a Camara Municipal resolveo-se fazer-lhe alguns reparos e concertos.

Folgámos com esta resolução embora tardia, pois realmente ninguem que penetrasse naquele deteriorado casarão da

¹⁰ FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri”. CARVALHO, Affonso de. Franca: Esboço de História e Costumes. In *Almanaque Histórico de Franca*, 1912, p.65.

¹¹ *Ibidem*. p.174.

praça Barão da Franca deixaria de sentir-se enojado com tanta imundície que se amontoava ali, naquelle templo consagrado a arte e que deveria por isso mesmo, se não revestir-se de esplendor e de sunptuosidade ao menos obedecer quanto possível aos preceitos de hygiene, as leis de acústica, as condições physicas de ar de luz, etc.

Mas bem depressa ao nosso júbilo, por ser adoptada uma medida que se nos afigurava indispensável, succedeo o mais completo desalento, a mais absoluta desilusão desde que nos scientificamos de que o serviço que ia ser realizado era o de simples limpeza do theatro e que alteração nenhuma se faria neste edificio no sentido de melhorar-lhe as condições a que alludimos .

De maneira que nada ou quase nada temos adiantado com as taes obras iniciadas pela nossa municipalidade. E em vez de um serviço efficaz, mais ou menos duradouro, que pudesse apparentar ao menos um certo gosto artístico, uma pequenina parcela de amor pela educação do povo(pois que o theatro é um verdadeiro estabelecimento educativo) vamos presenciar um varrimto commum de um prédio qualquer, com vassoura ordinária e com um pouco d'agua com que afugentamos por momento a poeira dos respectivos aposentos da casa...

A petição revela que o teatro era considerado, além de uma importante casa de diversão, salão de festas da elite e das reuniões dos políticos. Era também era considerado por muitos cidadãos um espaço educativo, o que lembra a passagem do cronista Afonso de Carvalho quando, falando da construção do teatro, afirma que seria um espaço para *amenizar os costumes* da população francana. Podemos perceber que havia muitos adeptos daquela definição, pois se ainda consideravam o teatro um *verdadeiro estabelecimento educativo*, por outro lado não desejavam mais que as atividades artísticas fossem realizadas no antigo prédio.

As críticas ao Santa Clara tornavam-se mais acirradas, porém o velho casarão não deixava de receber as mais conceituadas companhias artísticas do período. Foi assim que em setembro de 1905 recebeu a visita do sr. Euclides Teixeira, secretário da *importante e grande companhia* do ator e diretor (ensaiador como se dizia na época), português Francisco dos Santos, que estreou no dia 07 de setembro de 1905 com o drama "J. Decenta", de João José, e, segundo a imprensa dos lugares no qual a companhia esteve trabalhando, foi considerada *uma das melhores que percorrem o Brasil*. O elenco desta companhia era composto de 25 artistas de ambos os sexos, a companhia prometia aos espectadores de Franca um repertório eclético, composto *das melhores peças do teatro antigo e moderno*.¹²

Esta empresa permaneceu em Franca até o mês de dezembro, retornando em janeiro com novos espetáculos. Durante este período, os jornais da cidade abriram os noticiários variadas vezes com crônicas sobre a apresentação da companhia. O senhor Francisco Santos, pelo que consta nas crônicas sobre as peças apresentadas, era muito estimado por sua presença no palco.

Confirmando o que a companhia de Francisco Santos havia prometido, o espaço do jornal Tribuna da Franca, intitulado "Crônica Teatral", declara que nos dias 16 e 17 de dezembro a "troupe" *"deu-nos os grandes e sempre apreciados dramas da velha escola. "A Martyr" e as "Duas Orfãs" e, no parecer do cronista, a representação dessas duas peças nada deixou a desejar. Com a crítica bem favorável, a companhia apresentou no dia 19 de dezembro a comédia da escola francesa- O outro eu*.¹³

Na noite do dia 14 de setembro, uma quinta-feira realiza-se a estréia do primeiro espetáculo do *cinematografo fallante da empresa Candburg* ¹⁴. O espetáculo do dia 21, pelo que consta, também foi um sucesso. No mês de outubro, dia 19, o teatro realizou a estréia do espetáculo da "troupe" Bigliane e Esedra que, em sua temporada na cidade, trabalhou *todas as noites com um aperfeiçoado aparelho de cinematografo, sendo exibidas muitas vistas de efeito surpreendente*.¹⁵

¹² Cf. *Tribuna da Franca*, 7 de setembro de 1905. Anno VI. Nº 445. Fonte MHM "José Chiachiri". p. 2.

¹³ Cf. *Tribuna da Franca*, 21 de dezembro de 1905. Anno VI. Nº 449. Fonte MHM "José Chiachiri".p.1.

¹⁴ Cf. *Tribuna da Franca*, 14 de setembro de 1905. Anno VI. Nº 421. Fonte MHM "José Chiachiri".p.1

¹⁵ Cf. *Tribuna da Franca*, 19 de outubro de 1905. Anno VI. Nº 431. Fonte MHM "José Chiachiri".p.1

Ainda que houvesse uma boa produção cultural organizada no teatro "Santa Clara", as críticas sobre as reformas empreendidas pelo prefeito continuavam a tomar lugar na imprensa:

Sendo assim antes nada fizessem com effeito, não valeria a pena dispendir para ahi algumas centenas de mil reis com concertos ou cousa que com isto se pareça para d'ahi há pouco fazer novos gastos com a renovação das mesmas obras de caráter todo transitório e ephemero.

O trecho acima deixa explícito o ideal da higiene e a utilização do mesmo para a reivindicação de uma nova casa de arte. Como já foi dito, as comodidades urbanas eram o espelho de imagem de uma cidade civilizada e as condições nas quais se encontrava o teatro da cidade atestavam justamente o contrário, muito diferente do período no qual foi construído, sob o investimento do Barão da Franca. Embora falando sobre a reforma de um teatro, o que se percebe no discurso do documento é a visão que os homens do período tinham a respeito da pretendida civilização. Então cabe a nós ampliarmos a leitura desse documento em proveito da compreensão da noção de progresso para a sociedade de Franca naquele início de século.

O teatro Santa Clara começava a apresentar-se à elite como espelho do atraso em direção da idealizada civilização, já que sua aparência, tanto externa quanto interna, carregava características da sua construção na época do Império, 1874. O documento do qual estamos falando data de 1906 e revela que, de acordo com a imprensa do período, a imagem de uma cidade moderna deveria estar acompanhada de edifícios higiênicos e arejados.

Pelo inconformismo com o tipo de procedimento do poder público, as críticas prosseguem todos os dias no noticiário local, indicando que os reclamantes estavam realmente insatisfeitos com o estado decadente do único teatro da cidade.

*“...O que queríamos analisar em ultima análise, era o seguinte: ou o que se arrasasse de vez aquelle repugnante pardieiro que está ali ao Largo a dar **um testemunho palpitante de uma civilização ainda embrionária**, do nosso*

*povo, ou que a mingoa de recursos pecuniários para a construção de um teatro digno de nós, se fizessem neste mesmo “Santa Clara” os concertos, as modificações, as obras enfim indispensáveis para que pudéssemos penetrar em seu recinto com a certeza de encontrar-mos comodidade e conforto em uma noite de festival artístico e instrutivo sobretudo...”*¹⁶

Ainda que a postura desse documento revele um aspecto da dinâmica histórica que corresponde à condenação ou adesão a hábitos culturais ou formas de vida por parte de determinada sociedade, o documento mostra que foi sobretudo em fins do século XIX e início do XX que no Brasil a ideologia do progresso passa a não ser mais um desejo *caprichoso* das elites e sim um projeto político, uma necessidade intensa de acabar com tudo o que representasse o bárbaro. Este procedimento ia desde a demolição de edifícios, mudanças nas fachadas e vestuário até a perseguição a mendigos que perambulavam nos centros das cidades. A civilização, como já dito, era a meta.

Depois das reclamações dos populares e das pequenas reformas empreendidas pela prefeitura, as atividades culturais prosseguiram normalmente e o "Santa Clara" continuava a receber diversas companhias de cinema e as "troupe" de teatro que percorriam as cidades do nordeste paulista, divulgando seus eventos. Tais companhias fizeram de Franca uma importante localidade para reincidirem em suas visitas. Foi o caso da Companhia Dramática de Francisco Santos :

*" Alguns artistas que fizeram parte da "troupe" dramática dirigida pelo ator Francisco Santos, que esteve há pouco nesta cidade, pretendem dar no nosso velho "Santa Clara" alguns espetáculos com programa variado e inteiramente novo para o nosso público"*¹⁷

¹⁶ Cf. *Cidade da Franca*, 07 de Outubro de 1906. n.204. FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri” .

¹⁷ Cf. *Tribuna da Franca*, 1 de janeiro de 1906. n° 452. FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri” .

Essa companhia de teatro, vinda de Santos, já havia permanecido na cidade de Franca numa temporada de cerca de três meses do ano anterior e, agora, retornava com novos espetáculos. O jornal Tribuna da Franca termina a notícia pedindo a toda a população: *previnam-se pois, os amantes das boas distrações.*

As bandas e orquestras que se apresentavam no "Santa Clara" em geral eram de fora, porém o teatro também possuía uma orquestra, contratada para fazer os intervalos entre as "vistas" e que era composta pelos seguintes músicos : regente: Joaquim Tristão de Almeida (Pistão); Rabecão: Oscar Louzada; Violinos: Alice Serazzi, Luiza Tristão Rangel, Deolides Pacheco, Jerônimo Tristão de Carvalho, Aggie Archetti; Flautas : Orestes Tristão e José Lima. Essa orquestra por muitos anos apresentou-se no teatro Santa Clara e tinha como repertório *peças sinfônicas, operas e músicas sacras*,¹⁸ sendo considerada uma das melhores orquestras da cidade. O repertório dessas bandas e orquestras permaneceu romântico, com destaque para o gênero operístico europeu, e *a produção dos compositores francanos entraram para o repertório das bandas e orquestras*, e foram aceitos e apreciados tanto quanto os compositores europeus.¹⁹

As idéias difundidas no meio urbano, aliadas ao discurso republicano da ordem e do progresso, junto às transformações urbanas, foram responsáveis pela idéia de se manter um teatro que expressasse a beleza e o progresso da cidade. Tal idéia, veiculada pelos meios de comunicação,²⁰ mobilizou a elite que, sedenta de se sintonizar com a modernização e pretendendo usufruir da distinção atribuída aos freqüentadores de tal casa de artes, agradece, por meio do jornal Tribuna da Franca, ao prefeito pelas reformas do teatro:

“... graças a boa vontade do nosso esforçado Prefeito Coronel Martiniano de Andrade, que não tem poupado esforços nem trabalhos para corresponder a confiança que lhe delegaram os seus pares a gestão dos negócios

¹⁸ DAVID, Célia. p.106.

¹⁹ IBIDEM, p. 124.

²⁰ Cabe ressaltar o papel da imprensa como o fez o professor Nicolau no estudo da belle époque carioca. A identificação com o novo modo de vida é tal que os seus beneficiários, encabeçados pelos jornalistas, procuram organizar-se para garantir a sua manutenção, exigir a sua extensão a todos os pontos mais distantes e mais recônditos da cidade e impedir retrocessos...”p.37 .In. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Culturais e Criação Cultural na Primeira República* .São Paulo: Brasiliense,1989.

municipais , o velho Santa Clara apresenta-nos um aspecto mais decente de civilização .

O Prefeito adquiriu e fez collocar nos camarotes 150 cadeiras austríacas do afamado fabricante Thonet.

Este melhoramento era de há muito reclamado pela imprensa e pelo publico que até há pouco clamaram no deserto .

Louvando o ato do correto administrador, sempre solicito em atender os reclames da imprensa, damos ao público a boa notícia de que dentro em breve a mobília do theatro será completada, ficando assim aquela casa de diversões dotada da necessária comodidade nesse sentido ... ”.²¹

O teatro foi reformado. Porém, como a reforma beneficiou somente o público dos camarotes, a platéia teria de esperar mais algum tempo para usufruir dessa comodidade e foi então que a Empresa Cinematográfica Francana ofereceu-se para um variado espetáculo em beneficio das reformas, pois com este auxílio a prefeitura poderia prover a mobília da platéia.

A imprensa, como já era de se esperar, fez uma propaganda quase que convocatória para o possível público do espetáculo, pois esta, neste momento, começa a desempenhar o seu papel intimista, correspondente ao tipo de socialização que surgiu a partir de fins do século XIX, onde as funções de socialização foram transferidas do âmbito mais íntimo, privado, para a esfera pública, seja pela ação do Estado, seja pelas corporações empresariais, seja pela influência da publicidade, do cinema e outros meios de comunicação de massa. Com isso, uma subjetividade formada no terreno das atividades de lazer e consumismo cultural, numa *"esfera pública que passa a assumir ela mesma formas de intimidade"*²² é a conseqüência desse processo. Prossegue a imprensa:

²¹Cf. Tribuna da Franca ,Quinta-feira 14 de maio de 1908.Nº 683. FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri” .

²² HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p.189.

“...O Santa Clara será pequeno para conter o nosso público que assim lucrará duplamente, divertindo-se e concorrendo para a sua própria comodidade, num melhoramento indispensável aquela casa de diversões...”²³”.

Aliás, o ano de 1908 foi de bastante trabalho para os organizadores das programações do Santa Clara. Foi neste ano que a **Empresa Francana de Cinema**, de José Pires, adquiriu os maquinários do cinematógrafo Pathé de Paris e exibiu no teatro, no dia 06 de fevereiro. Desde então a empresa começou uma temporada de suas atividades no Santa Clara. No mês de março do mesmo ano o teatro teve que alternar as atividades da empresa de José Pires com a **Internationale Kinemographen de Wekt Geskaft** que, de passagem pela América do Sul, encontrou um público consumidor para as novidades das *vistas* produzidas e, segundo a imprensa francana, *pretende deliciar o nosso público com alguns espetáculos, dispondo de um enorme repertório de vistas das mais modernas*.²⁴ E neste mesmo ano recebe a empresa **Mendel de Cinematógrafos**, que veio mostrar suas mais novas *vistas*. Para mostrar as ambigüidades desse período, como já dissemos, as antigas atividades ainda continuaram a coexistir em meio às transformações do mundo da cultura. O mesmo teatro que exhibe a "sétima arte" na cidade foi utilizado para leiloar as prendas da Festa do Divino, reservando-se alguns lugares para as *exmas famílias*²⁵.

Porém, tema recorrente nos noticiários da imprensa, o Santa Clara volta a ser alvo de críticas, em decorrência de sua estética e higiene que não correspondiam ao gosto de seus freqüentadores. “Notas e fatos”, de 13 de junho de 1909, retrata a reivindicação feita ao prefeito da cidade para que zelasse por tal edifício. Na opinião dos usuários, o teatro ainda representava um *aspecto embrionário da civilização*.

O discurso, reproduzido neste documento, revela a incorporação da ideologia da higiene e, porque não dizer, do progresso, e se tornava a tônica de todas as campanhas destinadas à reforma do "Santa Clara". Um outro indício, diz respeito às finanças do

²³Cf. *Tribuna da Franca*, Quinta-feira, 04 de junho de 1908. Nº 689. FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri”.

²⁴ Cf. *Tribuna da Franca*, 19 de março de 1908. Nº 669. Fonte: MHM "José Chiachiri". Franca.

²⁵ Cf. *Tribuna da Franca*, 28 de maio de 1908. Nº 687. Fonte: MHM "José Chiachiri". Franca.

teatro, revelando ao mesmo tempo que o teatro possuía renda suficiente para suprir suas reformas.

“Já que não podemos, por falta de iniciativa e boa vontade, possuir um teatro na altura do progresso desta terra, justo é que a municipalidade se esforce para conservar em condições mais ou menos lisonjeiras o antiquario barracão do largo do jardim, de modo que os seus defeitos e aspecto canhestro sejam aparentemente encobertos aos olhos dos nossos visitantes.

De resto é sabido por toda gente que a renda do velho teatro dá bastante para que de quando em vez seja elle convenientemente reformado.

De fato, se o teatro representava a casa artística de mais expressão que a cidade possuía, era somente dali que saía os maiores lucros em torno das atividades culturais, até porque, como pudemos constatar, nesse período o espaço do "Santa Clara" não foi apenas utilizado para os espetáculos teatrais, pois como percebemos, o espaço teatral tinha várias finalidades. De fato, a crítica torna-se contundente, uma vez que bem administrado o próprio teatro geraria rendas para sua reforma, o crescente público do cinema já constata a informação.

O estado em que se encontram as paredes externas do util edifício é prova incontestável do pouco caso com que, de longo tempo, é o mesmo tratado, facto que sobre ser censurável deve merecer da administração municipal inteiro e perseverante cuidado, evitando assim que permaneça sempre em ruínas um seu próprio que embora defeituoso, vae servindo para que todos não fiquemos sem a única casa para diversões publicas.

Indague o sr. Prefeito da verdade destas linhas como é do seu costume, providencie de conformidade com o que for de justiça.

Além de que, nos parecem tão pequenos os serviços em questão, e tão insignificantes serão as despesas para atendê-los, que só por uma requintada má vontade deixarão os mesmos de serem levados a efeito com a urgência indispensável..²⁶.”

Retomando o documento acima, podemos perceber que a ideologia da higiene e do embelezamento, traduzia-se num processo civilizador, pois o impacto daquela se evidenciava em aspectos cosméticos, como a preocupação com a estética da frente do teatro, pois sua fachada devia revelar o grau de progresso que a população desejava alcançar. Como podemos perceber, a petição assume a necessidade de que se fizesse uma fachada nova para o "Santa Clara", a qual deveria impressionar os visitantes e transmitir com eficácia a sensação de civilização.

Durante a “belle époque” carioca ocorreu um grande investimento nas fachadas dos edifícios urbanos. Tal investida tinha o objetivo de mascarar os traçados originais de tais prédios e afetar a visão do usuário, pois *aquela era uma época de fachada.*²⁷

O que almejavam do velho Santa Clara, (guardadas suas condições de possibilidade, uma vez que o modelo europeu só poderia ser realizado por meio de uma adequação com o ambiente brasileiro que era totalmente diferente do francês) era que, tal como a Ópera de Paris,²⁸ transmitisse a seus frequentadores uma fantasia de refinamento e ostentação, que no caso do Santa Clara não seria possível devido à estrutura antiga e ultrapassada para a *rebuscada* da "belle époque", ou seja, nesse momento, a elite dominante busca adequar a casa de arte ao discurso do belo. Os vários teatros municipais, construídos nas *terras do café*, demonstram essa necessidade de mostrar a civilização e o progresso por meio dos prédios do período.

²⁶ Cf. Tribuna da Franca, Domingo 13 de Junho de 1909.Nº790. FRANCA: Museu Histórico de Franca “José Chiachiri” .

²⁷ NEEDELL. Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo. Cia das Letras,1987.p170-1.

²⁸ Até porque nesse período a Ópera de Paris era paradigma de teatro em todo o mundo

Uma outra característica que essa discussão sobre o teatro revela é o descompasso da “belle époque” francana em sua tentativa de unir o dinamismo ao atraso, num jogo de luzes e sombras, de fachadas e interiores. Enfim, uma realidade que, vislumbrada em outra dimensão, retrata o cotidiano de homens em busca de sintonizarem-se com algo que lhes escapa a todo instante e que carrega o seu contrário.

Concordando com o historiador Sidney Chalhoub, acreditamos que para além de:

“...Insistir na importância de conceitos como “civilizador”, “ordem”, “progresso” e outros afins os correlatos como “limpeza” e “beleza” e os invertidos tais como “tempos Coloniais”, “desordem”, “imundície”, etc, não nos leva muito além da transparência dos discursos da observação da forma como eles se estruturam ... O que se declara, literalmente é o desejo de fazer a civilização européia nos trópicos...”²⁹

Os impasses dessa “belle époque” *canhestra*³⁰ fizeram com que a reforma do teatro só acontecesse em 1º de maio de 1912, quando o Prefeito autorizou a

²⁹ CHALLOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996. p.35.

³⁰ O professor Elias Thomé Saliba na tentativa de compreender a Belle Époque brasileira e paulista aponta que : “Pensar numa Belle Époque brasileira é lidar com imagens de uma modernidade meio canhestra, que pontilharam a história da República nas primeiras décadas do século XX”. E sobre a São Paulo da Belle Époque o professor diz que: “Se não tivemos o equivalente paulistano da remodelação carioca destacam-se alguns traços peculiares: Como o crescimento econômico intenso da capital do café em conjunto com uma imigração maciça que, desde a abolição “inchava” uma cidade que, desprovida dos mínimos equipamentos urbanos modernos”.

“ A imagem mais representativa de São Paulo da Belle Époque talvez fosse a de um grande mosaico, expressando aquele caldo de cultura multifacético e instável, oferecendo aos expectadores mais atentos, como Antônio de Alcântara Machado aquele arzinho de Exposição Internacional” p.53. In. Juó banánere e o humor Italo-Caipira. SALIBA, Elias Thomé. *REVISTA USP*. n° 3 – maio-junho 1992. O historiador Nicolau Sevcenko interpreta esse período de metropolização em São Paulo como um processo irreversível: “a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era a sua ruptura com o passado recente. Afora uma inexpressiva minoria, que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver em uma metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa. Tanto a forma histórica da metrópole, quanto as moderníssimas tecnologias, se abateram como uma circunstância imprevista para os contingentes engolfados na metropolização de São Paulo. Todas as condições se impuseram mais rápido do que eles pudessem assimilar, sob uma irresistível pressão internacional, tão vasta para ser compreendida, quando mínima fora a possibilidade de transmissão de novas atitudes no curto espaço

reconstrução da sua frente e outros reparos nas suas paredes, abrindo mais portas e janelas, providenciando encanamento e beiradas, numa tentativa de conectar o tradicional prédio ao “art-nouveau”, típico estilo arquitetônico da “belle époque”. Eric Hobsbawm define o estilo “art-nouveau”³¹ como a culminação da tentativa de dizer o novo, usando uma versão da linguagem do velho *e foi o primeiro estilo “moderno” a conquistar todos os espaços desde o arquitetônico até os objetos domésticos*³².

O crescimento do comércio cinematográfico contribuiu ainda mais para alterar a estrutura do antigo teatro. A campanha pela reforma da casa de espetáculos incorpora a necessidade de adequá-la à projeção do cinema. O pedido dizia o seguinte: “*O concerto e pintura do frontespício daquela desajeitado templo da arte são necessidades inadiáveis, mormente agora que uma empresa cinematográfica nele pretende dar uma grande série de espetáculos...*”³³

A discussão em torno das reformas do teatro demonstra o grau de obsolência e morte que a modernidade trouxe consigo, pois o teatro, enquanto edifício da época do Império, tornou-se símbolo do arcaico para a realidade da década de 10 do século XX, porque não possuía a suntuosidade esperada pela “belle époque” e, sobretudo, não estava adequado para comportar a crescente indústria cinematográfica que fazia da cidade seu ponto de comércio.

O teatro, apesar das críticas prossegue, suas atividades, mas a elite não deixa de requerer uma outra casa teatral. Em 1912, por meio de requerimento, o Sr. Gustavo Martins Cerqueira e o bem sucedido comerciante Crisogno de Castro pediram concessão da praça Barão da Franca para nela ser construir um teatro *de estilo moderno*. O requerimento foi aprovado.

Neste período, o teatro Santa Clara passou a se chamar Teatro Municipal e continuou a ser o teatro mais popular da cidade, com uma produção artística bastante

de cerca de duas gerações...”p.39. In. *Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.São Paulo. Cia das Letras.1992.

³¹ Em Franca no ano de 1896 foi construído um prédio da Câmara e Cadeia por um dos introdutores do art-nouveau no Brasil o arquiteto Victor Dubugras, tal edifício transformou-se em cartão postal da cidade como símbolo do embelezamento do período.

³² HOBBSAWM, Eric. As Artes Transformadas In *A Era dos Impérios*: 1870 à 1914.Rio de Janeiro. Paz e Terra.1982 p.336,337.

³³ Cf. Tribuna da Franca, domingo 13 de junho de 1909. N°790. Devemos registrar que esta preocupação é recorrente em outras localidades que não tendo o aparato técnico preciso para projetar as fitas de cinema, eram vítimas de inúmeros incêndios.

diversificada. Foi inclusive arrendado pela empresa *Dramática Athur Carrara*, em 1914³⁴. Esta empresa dramática promoveu um embate junto à Câmara Municipal, devido ao uso que a empresa de cinema Moreira Lima estava fazendo do teatro, visto que esta última já havia feito um contrato com a prefeitura para utilizar o Municipal no mesmo período. A briga valeu a interferência do prefeito municipal, Martiniano de Andrade, para que somente assim as partes chegassem há um acordo. Essas e outras disputas pela utilização do espaço do teatro mostram a importância da casa de artes e fortalecem a tese da florescente indústria cultural com todos os seus jogos de interesse e influência.

Entre os embates pelo uso da sala de espetáculos e as críticas em relação à estética ultrapassada da mesma, o Santa Clara, teatro mais antigo da cidade permanece. Porém, as novas reformas do começo da década de vinte na cidade iriam acelerar o processo de demolição do "Santa Clara". A demolição do prédio estava inclusa nos projetos do então prefeito Torquato Caleiro, por não estar à altura do progresso e não possuir a estética e a higiene desejada pela elite. O primeiro teatro da cidade sobreviveu até o início dos anos vinte e, em 1922, na gestão do prefeito Torquato Caleiro, o teatro foi demolido para que finalmente fosse erguido um *teatro moderno*.

José Rebello Muniz, já então proprietário do cine "Santa Maria", recebe subsídios da Câmara Municipal para construir um teatro que marcasse o ritmo das transformações pela qual passava a cidade. O novo teatro situar-se-á na rua Marechal Deodoro, centro da cidade, com o mesmo nome do cine do proprietário, ou seja, Santa Maria.³⁵ Os benefícios referentes a essa nova construção foram bastante proveitosos para José Muniz, pois incluía a instalação de águas e esgotos, isenção de todos os impostos municipais pelo prazo de dez anos e auxílio em dinheiro de dez contos de réis. José Muniz, no entanto, foi incumbido por meio da Câmara Municipal da execução completa da obra de acordo com a planta, sendo ainda obrigado a ceder o espaço para comemorações e reuniões de caridade toda vez que a municipalidade necessitasse.

Essa ansiedade por projetar o meio urbano sempre para frente, demolindo aquilo que na concepção da época representava o passado e, portanto, o arcaico, tem especial

³⁴ O Arrendamento do Theatro Municipal 23 de dezembro de 1914In.Documentos Diversos Fonte: MHM "José Chiachiri"Franca.

³⁵ Cf. Ata da Câmara Municipal 30,12, 1922, c.06,v27,p.202-203. Museu Histórico Municipal " José Chiachiri".

efetivação nos projetos políticos das duas primeiras décadas do século XX. Dentro desta perspectiva, concordamos com Willi Bolle quando diz que a modernidade é a expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado "modernização", contraditório, inacabado e mal resolvido.³⁶

A demolição do "teatro "Santa Clara" encerra um pouco a história do entretenimento tradicional da cidade pois os teatros que começam a ser construídos a partir desse período, trazem uma feição mais voltada para a projeção do cinema. Aliás a construção das várias casas teatrais deve-se a propagação do consumo do cinema.

É de se observar que a concessão foi a um dos mais bem sucedidos membros da classe dominante Chrysogono era banqueiro, além de possuir outros comércios na cidade, os quais constam nos almanaques como negócios rendosos. E desse negócio surge o teatro Santa Maria. Antes de falarmos da construção, abriremos um espaço para falar do Bijou- Theatre. Inaugurado em 1910, este teatro foi considerado o espaço da elite e era assim que os jornais anunciavam a pequena casa de espetáculos, situada na Rua do Comércio.

O Bijou Theatre

Propriedade de Alexandre Dau, inaugurado em 1910, este teatro tornou-se símbolo da elegância e espaço da elite.

A imprensa sempre noticiava a casa de artes de Alexandre Dau como o ponto preferido da elite. Este cine- teatro funcionava na rua do Comércio nº 52, num edifício que, além de abrigar o cinematógrafo da Empresa Botelho & Comp., ainda foi sede do club Recreativo Francano e do Bar do sr. Augusto de Oliveira.

O Bijou tornou-se uma das casas mais procuradas pela elite por oferecer um ambiente agradável e um público seletivo, além de muitas novidades em suas programações cinematográficas. Para verificarmos a imagem criada em torno dessa casa de artes, recorreremos à imprensa, como este anúncio publicado no dia 25 de Agosto de 1911: "*O Bijou deliciará hoje seus habitués com magníficos films que ali serão exhibidos*"³⁷. Sobre o crescente público do teatro, as notícias são as mais variadas "*este*

³⁶ BOLLE, Wille. *A Fisiognomia da Metrópole*. São Paulo. Edusp.

³⁷ Cf. Tribuna da Franca, 25 de Agosto de 1911.nº 1004. Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

*teatrinho que conta com verdadeiras enchentes em seus espetáculos de domingo, hoje com certeza terá gente a mais não caber, o jornal atribui o crescimento de público devido aos "supimpas programmas organizados".*³⁸

Conferindo o caráter inovador das "vistas," o Bijou anunciou para o dia 19 de maio de 1912 "*magníficas colleções de fitas*" e, segundo o jornal, dentre as quais algumas de grande metragem e de assumptos palpitantes. O anúncio conclui que por tal motivo o Bijou "*hoje com certeza não terá um único logar vasio*"³⁹. Outro motivo do sucesso do cine Bijou é que os filmes "*são escolhidos a capricho e onde todas as noites são exhibidos programmas completamente novos para o regalo dos seus habitués*"⁴⁰.

O comércio do cinema ainda promoveu um importante espaço que foi ocupado pelas orquestras locais. O Bijou contava com a constante apresentação da "Orchestra Tristão", coordenada pelo maestro Oscar Louzada e que era composta pelos seguintes músicos: Olympio de Almeida, Floriano Machado, D. Chiquinha Machado, Norberto Barbieri, Domingo Latorraca, Dorlio Galiotto.⁴¹

A documentação encontrada sobre a projeção das "vistas" do Bijou revela o teor da propaganda que é geralmente feita de maneira exaltada e enaltecedora e, dessa forma, o Bijou foi marcando presença como opção de lazer ou, como diziam os jornais do período, *o Bijou tornou-se ponto de reunião diária de "habitués de bom gosto"*⁴². Seus anúncios são sempre muito carregados de entusiasmo, como esse do dia 09 de junho de 1912 que diz que a atividade do *"teatrinho vai de vento em popa. A concorrência ali cresce dia-a dia, o que não é de admira-se, pois que a empresa tem se esmerado na confecção dos seus programmas"*. Tanta exaltação escondia o aspecto técnico necessário a uma casa de cinema, pois o Bijou não oferecia condições para tal projeção. Passados dois anos de atividades, no dia 09 de julho de 1912, numa segunda-feira, ocorre um incêndio que, pela descrição dos documentos tornou-se algo espetacular devido à *grande massa popular* que se aglomerou naquela noite na rua do Comércio para verificar o acidente e *ali esteve até alta noite*.

³⁸ Cf. Tribuna da Franca, 27 de Agosto de 1911.nº 1005. Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

³⁹ Cf. Tribuna da Franca, 19 de maio de 1912.nº 1080. Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

⁴⁰ Cf. Tribuna da Franca, 30 de maio de 1912.nº 1083 Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

⁴¹ DAVID, Célia. da tese de doutoramento apresentada a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1994.p.106.

⁴² Tribuna da Franca, 07 de julho de 1912.nº 1094. Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

O incêndio aconteceu devido à combustão de uma fita, quando o operador, *n'um momento de irreflexão atirou a peça inflamada sobre o depósito de outras fitas que estavam dentro da gabine para o espetáculo da noite.*⁴³

Porém, logo foi dado o alarme e, segundo os relatos, *não houve nenhum desastre pessoal a lamentar.* O cronista reconhece o espetáculo cênico produzido durante o tumulto e diz que *há muitos anos que a nossa terra não assiste um espetáculo que tanto estremecimento lhe causasse.*

As instalações modernas na cidade como a eletricidade, o telefone, o automóvel, o cinema, entre outros artefatos, eram assuntos freqüentes dos cronistas, tanto pelo fator de novidade quanto de estranheza e quanto ao uso que pudessem fazer de tais novidades.

Após o acidente no Bijou, a imprensa indignada divulga uma nota, lembrando que em artigos anteriores já havia pedido precaução para *as instalações electricas e gabinas sobre o ponto de sahida e entrada em nossas casas de diversões.*⁴⁴

Embora a imprensa venha a se desculpar sobre o estrago realizado dentro de um recinto que tanto exaltavam, como "*o espaço do bom gosto*", *o cineminha da elite*, o que ressalta é a inexperiência quanto ao uso dos artefatos modernos, mesmo por aqueles homens que teriam necessidade de conhecer o devido uso dos objetos com que trabalhavam, como o operador das fitas que *por ter queimado mãos e braços fugiu desorientado.*⁴⁵

Os prejuízos foram avaliados na totalidade em 31:500\$000, sendo assim divididos: para a empresa Botelho & Comp., 4 contos; para o proprietário do prédio, 23 contos; para o Club. Recreativo Francano, 4 contos e para o bar do sr. Augusto Oliveira, 500 mil réis. Consta que o prédio não estava no seguro.⁴⁶

Alguns móveis foram salvos. Entre estes, 50 cadeiras, o piano, os instrumentos da "Orchestra Tristão" e os móveis e mercadorias do bar do sr. Augusto.

⁴³ Cidade da Franca, 09 de julho de 1912. n° 760. Fonte: MHM "José Chiachiri" Franca.

⁴⁴ Cidade da Franca, 09 de Julho de 1912. Fonte Museu Histórico Municipal Franca.

⁴⁵ Ibidem, p.1.

⁴⁶ Cidade da Franca, 11 de julho de 1912. N° 761. Fonte : MHM "José Chiachiri" Franca.

O incêndio gerou um outro tipo de reivindicação, devido à escassez de água para apagar o fogo. A reivindicação dizia ser bom *que a Prefeitura instalasse registros especiais de água em frente as casas de espetáculos.*⁴⁷

Esses acontecimentos exaltavam a expectativa em torno da inauguração do cine Santa Maria. A imprensa, como de costume, criava grande expectativa em torno da futura casa de espetáculos de propriedade do sr. Muniz e Cunha e, mais uma vez, o discurso influenciado pelas "vistas" do cinema dizia que o "Santa Maria" já seria instalado com as *previdencias e cautellas das modernas casas de espetáculos das grandes cidades* e, neste teatro, a platéia estaria *completamente separada da gabina e dinamos*, e que as operações com as fitas seriam realizadas no fundo do prédio.

O jornal começa a construir cada notícia que se obtém da futura casa de cinema a fim de confortar os freqüentadores, mostrando a qualidade e o cuidado que os responsáveis pelo cinema terão no manuseio das fitas: *as fitas são reflectidas por detraz do pano, de maneira que não há perigo nenhum para os espectadores.*

Foi noticiado que, para o conforto dos freqüentadores, José Muniz teria ido a São Paulo especialmente para comprar o material mais aperfeiçoado para o Teatro "Santa Maria": *trouxe uma lanterna moderna que faz as projecções das fitas depois de ter passado os seus raios através de um depósito de água, não havendo contato entre a lanterna e as fitas, que é a causa principal da inflamação destas.*

A preocupação não seria apenas em adquirir artefatos modernos que significassem a chegada do progresso na cidade, mas em informar a população de freqüentadores de cinema que os operadores do Santa Maria saberiam manter e utilizar os equipamentos de cinema, evitando danos como o ocorrido ao Bijou Theatre. Aliás a preocupação com o cinema fez com que a Câmara Municipal de São Paulo ameaçasse fechar os recém surgidos cinemas devido a precariedade das instalações que punham em risco a segurança pública devido a possibilidades de incêndio. O comerciante espanhol Francisco Serrador que comercializava vistas aqui na cidade de Franca e possuía seus barracões de exibição em São Paulo, devido a pressão da Câmara, *manda construir um barracão novo, especialmente para o cinema.*⁴⁸

⁴⁷ Ibidem, p.2.

⁴⁸ GALVÃO, Maria Rita Eliezer. *Crônica do Cinema Paulistano*. São Paulo, Ática, 1975.p.22.

E, para evitar outros acidentes como do Bijou, parte da imprensa francana começa a requerer que a prefeitura ordene que todos os *cinematographos* que fossem instalados a partir daquele período viessem a ser *modelados pelo "Santa Maria", que sem reclame é um modelo no genero onde o espectador pode assistir confiante o desenrolar das fitas de maior metragem.* Desta forma o sucesso que o Santa Maria veio a ter depois de sua construção foi preparado mesmo antes de sua inauguração, quando passou a servir de modelo para as outras casas de artes.

O nascimento do teatro Santa Maria.

O prédio foi erguido pela empresa cinematográfica Muniz & Cunha, sua nova proprietária, e recebeu o nome de teatro Santa Maria.

A inauguração do novo teatro ocorreu ao meio dia, do dia 14 de julho de 1912, e teve uma solenidade de bênção do edifício. Compareceram ao evento *diversos cavalheiros e senhoras da elite social.*

À noite, a cerimônia de abertura teve a exibição, segundo a imprensa, de *"magnificos programmas de optimos "fims" de actualidade.*⁴⁹

A respeito da mobília e do estilo moderno, discurso tão proferido quando da construção do prédio, a imprensa dizia:

*"...O teatro Santa Maria acha-se construído com muito gosto e capricho constituindo uma nota chic nos nossos gêneros de diversões. Aos seus proprietários damos por isso os nossos parabéns, com os votos que fazemos pela constante prosperidade do seu estabelecimento..."*⁵⁰

Concomitante às novidades trazidas pela nova casa artística, as atividades do teatro "Santa Clara" prosseguem normalmente e este teatro contrata a empresa de cinema de José Pires para exhibir suas novidades. A imprensa começa a se tornar um dos meios mais eficazes para a ocorrência ao lazer. No mesmo jornal Tribuna da Franca vê-se a ocorrência às atividades do Santa Clara :

⁴⁹ Tribuna da Franca, 14 de julho de 1912. Fonte Museu Histórico Municipal Franca.

⁵⁰ Ibidem.p.2.

"Como sempre, a Empreza J. Pires abrirá hoje a porta do Santa Clara aos habitués de suas sessões e espectáculos para os quaes acham-se preparados interessantíssimos programmas com muitas novidades."

A programação do "Santa Maria" era muito parecida com a do teatro "Santa Clara". Havia orquestra própria, as exhibições das vistas eram feitas com bastante frequência e os grupos que chegavam à cidade também começavam a se apresentar no espaço do novo teatro.

Na "Tribuna da Franca" podemos também ver o elogio ao bom gosto do "Santa Maria":

" A catita casa de diversões do Muniz constitui hoje o clou do bom gosto francano.

A gente sente-se feliz e satisfeita de assistir as sessões ali onde o agradável do desenrolar de magníficos programmas junta-se a oportunidade de uteis palestras.

*Por isso, a concorrência ao Santa Maria cresce diariamente."*⁵¹

As imagens transmitidas a respeito da nova casa de diversão são de uma demonstração quase dionisíaca da influência que esses espaços de diversões provocavam no público. Na manchete do jornal "Cidade da Franca", fica explícito:

" E justissimas razões tinha o povo na porfia de entrar, porque na boca de cada espectador que saia das entranhas profusamente iluminadas do "Santa Maria, ouvia-se uma palavra de elogio e admiração pelo que lá dentro via.

Um dizia- "retiro-me com pezar"; outro "que nitidez nunca vista de fitas; outro ainda "que recinto encantador!"

⁵¹ Tribuna da Franca, 21 de julho de 1912. nº Fonte: Museu Histórico Municipal "José Chiachiri".

Eram essas as apreciações destacadas que vinham gravar no coração de cada um que esperava convencer-se de que lá dentro tudo divinizava”.

Revela-se, portanto, que o fascínio traduzia-se sobretudo na rentabilidade da casa de diversão, ou seja, casa cheia. Trata-se afinal de um período em que as atividades culturais, há muito tempo um indicador de "status" da classe média alta, encontraram símbolos concretos para expressar as aspirações e as modestas realizações materiais de amplas camadas. O crescente comércio artístico teve um notável desenvolvimento nas duas primeiras décadas do século XX. Na parte destinada à diversão do jornal Tribuna da Franca, destacamos este efeito:

Diversões

Theatro Santa Maria

Não há duvida alguma que o Muniz tem realmente , muito gosto para dirigir casa de diversões públicas. Estão a attestar isso as esplendidas funções diárias do seu catita theatrinho.

Em compensação, o publico para alli afluê todas as noites, que é um regalo.

A união da higiene e das projeções de *vistas* do novo teatro, conferiram ao Santa Maria o crescimento do público, *dia a dia a concorrência aumenta ao catita theatrinho do Muniz* evidenciando o carácter higiênico do mesmo a propaganda divulgada friza bem esse aspecto dizendo que não é para menos pois o teatro *possui salão limpo, confortável programmas escolhidos dentre as mais palpitantes novidades, tudo convida a passar a gente algumas horas no confortavel salão de exhibição.*⁵²

Como todo cinema da cidade, o Santa Maria também possuía sua orquestra e esta obteve uma grande repercussão que chegou inclusive até a Capital do Estado e era composta dos seguintes músicos: regente: Olympio de Almeida , piano: Luiza Tristão; Flauta: Olympio de Almeida; Violinos: Beneglides Saraiva, Oscar Louzada e Nicolau Aliprandini; Violoncelo: Floriano Machado; Contra-baixo: Mário Justino; Clarineta:

⁵² Cf. Tribuna da Franca, 15 de agosto de 1912. Fonte: Museu Histórico Municipal "José Chiachiri".

Antônio Schirolli; Trombone: Furinha; bumbo: Carlos Dourado. Contava ainda na época do cinema mudo com a colaboração de Otávio Tristão e de seus filhos, Geraldo de Almeida e Lígia Bettarello.⁵³

Como podemos perceber, a partir do fim do século XIX o tradicional terreno da cultura erudita estava contaminado tanto pelo fato das artes atraírem um número maior de pessoas como pela combinação de tecnologia e a descoberta do mercado de massas. Neste contexto o cinema seria *a inovação mais extraordinária nessa área*,⁵⁴ e já dava sinais de um grande triunfo em relação as outras artes.

Como já dissemos, em 1922, sob a administração do prefeito Torquato Caleiro, a cidade de Franca passa por uma nova reestruturação em sua malha urbana. Com o intuito de embelezar a cidade, este prefeito começa com uma série de mudanças que tinham como finalidade a demolição do "Santa Clara" e a construção de um novo teatro. Estes novos empreendimentos levam o prefeito a isentar de impostos, por um período de dez anos, o proprietário José Muniz, além de lhe conferir uma série de benefícios. O novo teatro conserva o mesmo nome do teatro Santa Maria que, mais moderno, teria capacidade para abrigar 1400 pessoas e seria concluído e inaugurado no dia 1º de março, de 1924. É interessante perceber que até mesmo um jornal católico faz menção a esse novo prédio e em nota do dia 02 de março, de 1924, refere-se à inauguração do prédio dizendo: *inaugurou-se ontem o novo e esplendido prédio em que funciona o cinema do sr. José Rebello Muniz. Grande e confortável, vem preencher uma lacuna de nossa arte*.⁵⁵

As notícias sobre a nova casa teatral lembram em muito a postura que os jornais paulistanos tiveram quando da inauguração do Teatro Municipal de São Paulo. A imprensa referia-se a este teatro como o "*arcano da comunidade e o estandarte de nossa cidade*"⁵⁶

⁵³ DAVID, Célia. p.107.

⁵⁴ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Tradução Siene Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.308.

⁵⁵ Cf. O aviso da Franca dia 02 de março de 1924. Anno 1, nº9. Fonte: MHM "José Chiachiri". Franca.

⁵⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo. Ed. Cia das Letras. P.390.

Outro aspecto interessante, fruto da *mudança estrutural da esfera pública*, diz respeito ao processo de profissionalização das companhias teatrais, como podemos perceber já em 1905, com a temporada no "Santa Clara" da companhia do português Francisco Santos que profissionalizava os atores de sua "troupe dramática". E mesmo o constante crescimento das empresas de cinema indica que, aliada à introdução da eletricidade, a ampliação dos meios de transporte, que facilitou o deslocamento de equipamentos e artistas para os lugares mais distantes, ainda impulsionou a diversificação do mercado cultural, conferindo às "troupes" teatrais o símbolo de *autênticas fábricas de espetáculos* e abriu amplas oportunidades aos empresários do entretenimento.